Sanidade animal

Lições para o Brasil

A NOTÍCIA de registro da doença da vaca louca no Brasil, em 6 de dezembro do ano passado, caiu como uma verdadeira bomba e deu início a uma série de especulações. O governo brasileiro acabava de informar à Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) o registro de traços de príons assintomáticos na necrópsia de uma vaca de doze anos, morta em 2010 no estado do Paraná. Os príons são uma espécie de proteína associada à encefalopatia espongiforme bovina (EEB), conhecida como o "mal da vaca louca".

Desde o início, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) foi enfático no esclarecimento de algumas questões sensíveis. Afirmava tratar-se de um caso antigo, com a comprovação pelos exames de laboratório de presença do agente causador do mal da vaca louca. Além de não apresentar os seus sintomas clássicos, como a perda do controle motor e a alimentação fora das pastagens naturais, o animal não manifestou a doença, nem morreu dela. Com isso, o episódio não refletia risco algum à saúde pública ou à sanidade animal.

De qualquer forma, o fato é mais do que suficiente para gerar preocupação em toda cadeia produtiva, dos criadores às indústrias de veterinária e nutrição, além dos frigoríficos e das redes de distribuição. O Governo alega cumprir rigorosamente as determinações da Organização Mundial do Comércio (OMC) e da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE). Resta aguardar os seus pareceres sobre os riscos de contaminação pela carne consumida ou exportada do País. Esse episódio poderia representar um precedente para os países adotarem restrições contra a exportação brasileira. De pronto, a OIE manteve o risco brasileiro de risco mínimo a insignificante.

Dos 138 países compradores de carne bovina brasileira, dez países suspenderam as compras de carne do Brasil ou seus derivados: Japão, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul, China e Taiwan adotaram embargo total; a Jordânia e o Líbano restringiram o produto do Paraná; o Peru suspendeu as importações completamente por três meses; e o Chile restringiu apenas a compra de farinha de carne e de osso. A Arábia Saudita, porém, voltou a comprar o gado vivo.

A atrasada comunicação aos órgãos internacionais veio somente após um longo processo de idas e vindas. Como a suspeita inicial era da doença raiva, a amostra foi enviada ao laboratório do MAPA no estado do Paraná, cujas instalações tiveram danificações pelo fogo. As lâminas seguiram para o laboratório de Belo Horizonte, em Minas Gerais, com resultados contraditórios. Para contraprova, outros exames foram feitos nos laboratórios do Recife, estado de Pernambuco, e em Weybridge, na Grã-Bretanha. ■

Risco insignificante

O comitê científico da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) realizou, em Paris, sede da entidade, minuciosa entrevista com técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em janeiro. O Brasil conseguiu manter o *status* de risco insignificante para a encefalopatia espongiforme bovina (EEB), também conhecida como doença da vaca louca. A identificação ocorrida numa fazenda do Paraná foi tratada como um caso atípico, que não coloca em risco a saúde animal ou a dos consumidores dos parceiros do Brasil.

O reconhecimento das medidas adotadas pelo Brasil ratifica a qualidade do seu sistema de defesa implementado para prevenir a ocorrência da EEB no sistema de prevenção. Além de constituir um ponto relevante nesse processo, isso deve facilitar a retirada dos embargos de alguns países contra a importação da carne do Brasil. Foi um resultado importante, mas o monitoramento da doença requer uma aplicação constante.

A doença foi detectada pela primeira vez em 1986, na Grã-Bretanha. A epidemia durou até 2002, com 181.376 casos confirmados no local, segundo a Organização Mundial da Saúde. O primeiro caso de vaca louca nos Estados Unidos, ocorrido no final de 2003, agitou o comércio global de carne bovina. Suas exportações despencaram de 1,14 milhão de toneladas, em 2003, para meras 209 mil, no ano seguinte. Em 2011, foram notificados apenas vinte e nove casos de encefalopatia espongiforme bovina no mundo, o que representa um declínio de 99% em relação a 1992, quando foram registrados 37.311 casos.

O Brasil conquistou, por unanimidade, a mudança do status sanitário da EEB, de risco controlado para insignificante, durante a 80ª Sessão Geral da Assembleia Mundial de Delegados da OIE, realizada em Paris, durante maio de 2011. Em conformidade com o Código Sanitário dos Animais Terrestres, o pedido foi encaminhado no dia 28 de outubro de 2011. Ao longo de 2004 a 2010, foram coletadas aproximadamente 23 mil amostras para o teste da doença.